

O Problema da Fé (1)

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O Cristão Sacrifica a Razão?

De acordo com um dito antigo e humorístico, “fé é crer no que você sabe não ser verdade”. Não é difícil ver o porquê isso seria dito. A tendência das pessoas – quer creiam em alegações fantásticas sobre visitantes extraterrestres ou afirmações patéticas sobre a honra de um político desacreditado – que têm escassa evidência ou argumentos para apoiar suas convicções pessoais é retroceder comodamente à alegação que “simplesmente têm fé” que o que crêem é verdadeiro,² mesmo quando parece haver para outros muitas boas razões para desacreditar nisso. As pessoas *deveriam* saber que o que estão dizendo não é verdadeiro, e, todavia, persistem em crer nisso de qualquer forma – em nome da “fé”.

Esse conceito de fé como comprometimento pessoal cego é um dos principais obstáculos que permanece no caminho de incrédulos que ouvem honestamente ao Cristianismo. Eles têm uma dificuldade cruel e fundamental em se tornarem cristãos, assim imaginam, pois a fé religiosa requereria que eles sacrificassem a razão completamente, e confiassem cegamente em alguma suposta revelação de uma forma arbitrária e sem discernimento.

Em seu *Dictionary of Philosophy* [Dicionário de Filosofia], Peter Angeles oferece, entre outras, essas duas definições de “fé”: “crer em algo a despeito de evidência contra” e “crer em algo embora não exista evidência para isso”.³ Considerando qualquer um desses entendimentos populares do termo – pelo

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

² Pessoas que falam dessa forma parecem desatentas para o caráter trivial ou tautológico de tal afirmação. “Ter fé” que algo é verdade (e.g., que Elvis está vivo e residindo em Idaho) é o mesmo que “crer” que a alegação em questão é verdadeira; essas são formas semânticas diferentes de expressar a mesma coisa. Dessa forma, quando uma pessoa diz que ela “crê” em algo “simplesmente por fé” (sem especificar isso adicionalmente), ela meramente nos disse que “ela crê porque ela crê”. Tenho ciência que muitas pessoas religiosas, incluindo filósofos que refletem sobre questões religiosas, pensam em “fé” como estando numa categoria diferente de “crer”. O primeiro é suposto ser uma questão pessoal de confiança ou comprometimento, enquanto o último é uma questão de intelecto. Por exemplo, num ensaio intitulado “Fé e Crença”, o filósofo de Oxford, H. H. Price, afirmou: “Fé, então, é algo muito diferente de “crer” que, e certamente não é reduzível nem definível em termos de crer... Sem dúvida, quando uma pessoa está realmente na atitude de fé, ela nunca dirá crer que Deus a ama. Antes, dirá que *sente* o amor de Deus por ela... Isso não é visto como sendo uma questão de crença de forma alguma” (*Faith and the Philosophers*, ed. John Hick [New York: St. Martin's Press, 1964], p. 11). Tais estipulações verbais podem ser feitas e freqüentemente o são, reconheço, mas requereria um esforço heróico trazer tal distinção conceitual em conformidade verbal com o uso que o Novo Testamento faz do verbo grego “pisteuo” e o substantivo “pistis”.

³ Peter A. Angeles, *Dictionary of Philosophy* (New York: Barnes & Noble, 1981), p. 94.

qual o chamado cristão à “fé” é concebido como contrário à razão, ou pelo menos sem razões –, o Cristianismo de fato parece totalmente irracional. “Fé” se torna um jargão para o ato de desligar o seu intelecto, suspender uma atitude cuidadosa e crítica para com as coisas, e fazer um comprometimento pessoal sem evidência segura.

Variedades de Irracionalismo

O Cristianismo é acusado de irracionalidade por muitas pessoas, mas nem todos os críticos querem dizer a mesma coisa. Algumas distinções devem ser feitas em favor da clareza.

Algumas pessoas colocam a fé cristã contra a razão, porque sentem que os ensinamentos da Bíblia são eles mesmos irracionais. Por exemplo, alguns consideram a ideia de Deus se tornando homem (a encarnação) como uma noção contraditória; para eles, o conceito do Deus-homem é incoerente, uma (suposta) violação de algumas leis lógicas elementares, reconhecidas por todos os homens. Quando acusam o Cristianismo de ser irracional, eles querem dizer que seus dogmas são ilógicos nesse sentido.

Outros crêem que não existe nenhuma verificação absolutamente empírica (observacional) para certas alegações históricas magnificentes encontradas na Bíblia: por exemplo, que o sol parou, que Jesus multiplicou os pães, ou que homens ressurgiram dentre os mortos. Se a fé cristã exige afirmar esse tipo de questões irrealistas (como eles as vêem), as pessoas irão considerá-la contrária à razão.

Os dois tipos de críticos anteriores têm procurado acusar o Cristianismo de irracionalidade por causa de imperfeições intelectuais específicas dentro da série de proposições que os crentes afirmam – quer imperfeições lógicas ou empíricas. Esse tipo de ataque sobre particulares bíblicos requer que o apologista ofereça respostas específicas que lidem com os detalhes de cada objeção diferente – ao menos fazê-lo no *começo* das respostas a tais objeções do incrédulo. (No final, as questões pressuposicionais precisarão ser abordadas e discutidas, sem dúvida). Mas nossa preocupação presente é na verdade com uma versão mais devastadora da alegação que o Cristianismo é irracional.

Afirmando o Absurdo

Muito mais intelectualmente maliciosa é a classe de críticos que julgam a fé cristã como sendo irracional porque eles concebem os cristãos como dedicados a crer no absurdo (por sua falta de lógica). Da forma como vêem, os crentes religiosos se gloriam no fato que o objeto de sua fé não tem suporte racional, é aparentemente falso, e deve ser endossado ignorando-se o bom senso e as razões contrárias. Alguns incrédulos têm dado a impressão –

não sem a “ajuda” condenável de muitos teólogos modernos – que o Cristianismo é indiferente para com a lógica, a ciência, a evidência ou (mesmo) a verdade.

Alguns têm sido tão enganados que chegam ao ponto de pensar que os cristãos na verdade avaliam o valor da fé pessoal de alguém em proporção direta ao grau em que ela é duvidosa, cega ou mística.⁴ Da mesma forma, pensa-se que os crentes desprezam o valor da fé na extensão em que a mesma está de acordo com a boa razão. Em *The Antichrist: Attempt at a Critique of Christianity* (1895),⁵ Friederich Nietzsche expressou sua zombaria para com essa atitude, dizendo: “Fé significa não *querer* saber o que é verdade.”

Contudo, todo criticismo desse estilo segue de um engano fundamental quanto à *natureza* da fé cristã. Como J. Gresham Machen colocou a questão corajosamente em seu livro, *What is Faith?* [O que é Fé?], “cremos que o Cristianismo não floresce nas trevas, mas na luz.” Machen escreveu que “um dos meios que o Espírito usará” para trazer um reavivamento à religião cristã “é um despertamento do intelecto.” Ele resistiu ferventemente “à falsa e desastrosa oposição que tem sido estabelecida entre conhecimento e fé”, argumentando que “em nenhum ponto a fé é independente do conhecimento sobre o qual ela está logicamente baseada.” Refletindo sobre o famoso comentário bíblico sobre fé em Hebreus 11:1 (“a evidência de coisas que não se vêem”), Machen declarou: “A fé não precisa ser muito humilde ou tímida diante do tribunal da razão; a fé cristã é algo completamente racional.”⁶

A despeito do que certos porta-vozes desorientados possam dizer – quer entusiastas, místicos, emocionalistas, voluntaristas, ou fideístas – a própria Bíblia (a fonte e padrão do Cristianismo) não é indiferente para com erros lógicos ou enganos factuais. A religião cristã não coloca a “fé” contra a razão, a evidência ou (sobretudo) a verdade.

Foi somente para vindicar a verdade de suas alegações e conceitos religiosos que Moisés desafiou os mágicos da corte de Faraó, e que Elias competiu e zombou dos sacerdotes de Baal no Monte Carmelo. Os profetas do Antigo Testamento sabiam que suas palavras seriam demonstradas como sendo verdadeiras quando suas previsões ou predições fossem cumpridas na história, para todos ver.

Quando Cristo apareceu, ele mesmo afirmou ser “a Verdade”! Sua ressurreição foi um poderoso e maravilhoso sinal, fornecendo evidência para a veracidade de suas alegações e para a mensagem apostólica. A despeito do que

⁴ Cf. “Dúvida, como o lado obscuro do aspecto cognitivo da fé, é um ingrediente essencial para a fé... Uma mente viva permanece em *Angst* [Medo] nas encruzilhadas do dia-a-dia, e todos os dias faz uma escolha, fazendo-a, como diria Kierkegaard, ‘em temor e tremor.’” Geddes MacGregor, *Philosophical Issues in Religious Thought* (Boston: Houghton Mifflin, 1973), p. 239.

⁵ Publicado no Brasil com o título *O Anticristo*, pela Martin Claret. (N. do T.)

⁶ 4. J. Gresham Machen, *What is Faith?* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1925), pp. 18, 26, 94, 243.

os judeus e gregos pudessem pensar, escreveu Paulo, o evangelho é de fato a própria sabedoria de Deus, que destrói a arrogância da filosofia mundana (1 Coríntios 1:18-25). Ele disse que aqueles que se opõem ao evangelho são os que têm apenas um “falsamente chamado conhecimento” (1 Timóteo 6:20).

Por causa dessa atitude, Paulo estava disposto a “arrazoar” (disputar, debater) diariamente na praça com os filósofos de Atenas (Atos 17:17-18). Ele não hesita em argumentar seu caso diante do tribunal ateniense, que julgava novos e controversos mestres, declarando que “o que vocês adoram demonstrando vossa ignorância, eu vos declaro com autoridade” (v. 23). Claramente ele não estava promovendo o valor dos absurdos! De fato, se as afirmações cardinais da fé fossem demonstravelmente falsas, Paulo teria sido compelido a admitir que a nossa fé religiosa é louca e fútil (e.g., 1 Coríntios 15:14).

A atitude do próprio Pedro, mesmo como um pescador inculto, tornou-se inequivocadamente clara quando ele afirmou com confiança, “não seguimos fábulas artificialmente compostas” (2 Pedro 1:16) – bem como quando exige que todo crente esteja pronto para apresentar uma *defesa racional* da esperança que há nele (1 Pedro 3:15). Jesus ensinou categoricamente o seguinte sobre a palavra de Deus na Escritura: “Tua palavra é a verdade!” (João 17:17). A perspectiva clara da Bíblia mantém que no grande e último dia de julgamento, a razão dos homens serem condenados por Deus é que preferiram crer numa “mentira” (Romanos 1:25), do que confiar nas afirmações do próprio Filho de Deus.

Consequentemente, quando os incrédulos repudiam o Cristianismo por seu suposto *objetivo* de irracionalidade religiosa, o apologista deve decisivamente corrigir esse conceito equivocado. A fé cristã não pretende afirmar o que é absurdo, deleitando-se na irracionalidade. Tal pensamento falsifica a natureza da fé como é apresentada pela Bíblia. A noção cristã de fé – diferente da maioria das outras religiões – não é um salto arbitrário de emoção, uma tentativa cega de comprometimento, um abandonar do intelecto. Para o cristão, a fé (ou crença) é bem fundamentada.

Aliás, como cristãos alegamos que o conteúdo da nossa fé é o que qualquer homem sensato deveria endossar, não somente porque ela está completamente de acordo com a lógica e os fatos (quando estes são propriamente vistos), mas também porque sem a cosmovisão cristã a própria “razão” se torna arbitrária ou sem sentido – torna-se ininteligível.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/>⁷

⁷ Originalmente publicado na *The Biblical Worldview* (Part I-Vol. VIII:6; June, 1992). Disponível no livro *Always Ready*, de Greg Bahnsen. (N. do T.)